

Aquiles Tescari Neto

Sintaxe Gerativa

UMA INTRODUÇÃO À
CARTOGRAFIA SINTÁTICA

EDITORIA
UNICAMP

Sumário

PREFÁCIO.....	7
APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1 – CARTOGRAFIA SINTÁTICA: UMA INTRODUÇÃO.....	23
1. Introdução.....	23
2. Cartografia (sentido amplo e sentido estrito): breves notas históricas	30
3. Bases epistemológicas da Cartografia Sintática.....	31
4. A universalidade das categorias funcionais	35
5. Recapitulando	37
6. Cenas do próximo capítulo.....	38
Para saber mais	39
Agora é com você.....	40
CAPÍTULO 2 – CLASSES, CATEGORIAS E HIERARQUIAS: O PRINCÍPIO DO “ONE FEATURE, ONE HEAD” NA METODOLOGIA DA CARTOGRAFIA	45
1. Introdução.....	45
2. Dos critérios utilizados para o reconhecimento das categorias gramaticais: o caso dos modificadores.....	50
3. Dos critérios utilizados para o reconhecimento das categorias gramaticais: o caso dos núcleos funcionais.....	55
4. Ampliando o “critério”: o teste da ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria.....	58
5. Recapitulando	64
6. Cenas do próximo capítulo.....	66
Para saber mais	66
Agora é com você.....	67
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA CARTOGRÁFICA: DESENHO DE MAPAS E DIAGNOSE DA POSIÇÃO DE CONSTITUINTES SINTÁTICOS	71
1. Introdução.....	71

2. A cisão de projeções: evidência para as hierarquias	73
3. Os testes de “precedência-e-transitividade”	75
4. Do “eixo prático”: as hierarquias enquanto diagnósticos para a posição de constituintes sentenciais	87
5. Recapitulando	94
6. Cenas do próximo capítulo	95
Para saber mais	95
Agora é com você	97
CAPÍTULO 4 – DERIVANDO SENTENÇAS EM CARTOGRAFIA:	
PARTE I	103
1. Introdução	103
2. Sobre a alocação dos advérbios em Spec	107
3. Derivando, por movimento nuclear, a subida do participio passado ativo	118
4. Derivando ocorrências tão somente através de movimentos sintagmáticos	127
4.1 A assimetria direita-esquerda das línguas naturais	129
4.2 Derivando, <i>à la Cinque</i> (2005), o Universal 20 de Greenberg	132
4.3 A projeção estendida do N: hierarquias e parâmetros de ordenação	139
4.4 A projeção estendida do V: hierarquias e parâmetros de ordenação	146
5. Recapitulando	154
6. Cenas do próximo capítulo	155
Para saber mais	155
Agora é com você	157
CAPÍTULO 5 – DERIVANDO SENTENÇAS EM CARTOGRAFIA:	
PARTE II	163
1. Introdução	163
2. Derivando sentenças do PB a partir de movimentos sintagmáticos	166
3. Derivando ordens em uma língua nativa brasileira, o Tenetehára	182
4. Recapitulando	191
Para saber mais	191
Agora é com você	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	201

Prefácio

À primeira vista, a sentença parece ter a forma geral: [... C ... [... T ... [... V ...]]], onde V é o núcleo verbal da configuração na qual *papéis semânticos são atribuídos*, T é o *lócus da estrutura de tempo e evento*, e C (*complementizador*) é um tipo de indicador de força que distingue *declarativa, interrogativa, etc.* Mas as investigações cartográficas têm deixado bem claro de que se trata apenas de uma primeira aproximação: as posições indicadas por . . . têm uma estrutura rica.

(Chomsky, 2002, p. 123; tradução livre)

O interesse pelos estudos na Sintaxe Cartográfica vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil. A Sintaxe Formal concebe a estrutura sintática como um objeto complexo, com expressões hierarquicamente estruturadas. O Programa Cartográfico, desenvolvido no âmbito da teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, ocupa-se da análise precisa e minuciosa da estrutura sintática e de outros domínios estendidos, como, por exemplo, a projeção estendida do nome, do adjetivo, entre outros. Como o próprio nome remete, o objetivo é desenhar mapas precisos e detalhados das sentenças; a análise minuciosa das configurações sintáticas é colocada no “centro do palco” (Cinque & Rizzi, 2010).

A capacidade heurística da Cartografia (e do léxico funcional) reforça questões empíricas importantes para a teoria sintática (Rizzi, 2018). Nos últimos anos, a Sintaxe Cartográfica vem produzindo novos trabalhos (teóricos e descritivos), descobrindo novas generalizações e levantando novas questões de pesquisa. A Cartografia contribui fortemente para o enriquecimento da base empírica da pesquisa teórica, sendo de vital importância para a sobrevivência da Sintaxe Formal. Segundo Rizzi (2020, p. 6), “na ausência desse enriquecimento e de troca com a dimensão

empírica, o trabalho teórico corre o risco de se tornar estéril, e não despertar interesse suficiente na comunidade científica” (tradução livre).

O livro *Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*, escrito pelo meu colega Aquiles Tescari Neto, professor do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp), um dos pesquisadores mais expressivos da Cartografia no Brasil, apresenta de forma clara e organizada os ingredientes metodológicos que fundamentam a análise cartográfica. O autor mostra o passo a passo de uma derivação inserida nesta abordagem teórico-metodológica, oferecendo aos alunos de graduação e de pós-graduação um material de estudo enriquecedor.

Fica nítida a preocupação do autor com quem está iniciando uma investigação no campo da Sintaxe Formal, especificamente no âmbito da Cartografia. Todos os capítulos têm um fio condutor que permite ao leitor acompanhar a construção do objeto sintático em análise. Destaque para a seção chamada “Agora é com você”, com exercícios e questões, que aparece no fim de cada capítulo, na qual o leitor é convidado a refletir sobre os tópicos abordados. É, sem dúvida alguma, uma seção que desperta a curiosidade. *Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática* trata de fenômenos do português brasileiro (PB), o que facilita aos estudantes brasileiros, além de colaborar com a disponibilização de material didático dessa natureza para o ensino superior. Tescari Neto, contudo, não se limita aos dados do PB, situando a nossa gramática diante de outras línguas.

O autor aborda a Cartografia em seu “sentido estrito” (Belletti, 2008). Como muito bem apontado no primeiro capítulo, de cunho epistemológico, a diretriz metodológica-guia da Cartografia Sintática é a máxima “One (morphosyntactic) property – one feature – one head” (“uma propriedade morfossintática, um traço, um núcleo” [Cinque & Rizzi, 2010]). Nesse capítulo, o leitor encontrará os ingredientes fundamentais do empreendimento cartográfico. As ferramentas analíticas disponibilizadas pela Cartografia permitem ao pesquisador indicar, com maior precisão, o *locus* de variação. Tescari Neto mostra que o Programa Cartográfico tem grande poder heurístico tanto na Sintaxe Comparativa quanto na Pesquisa Tipológica.

Subjacente ao Princípio do “One Feature, One Head” (“um traço, um núcleo”) (Kayne, 2005a), figuram duas premissas: (i) a de que membros de uma mesma categoria ou classe não podem coocorrer, e (ii) a de que a coocorrência de membros de categorias distintas só é possível em uma única ordem (Cinque, 1999). Uma discussão detalhada a respeito do conceito de “Categoria Gramatical”, tanto em Linguística Teórica quanto em Cartografia, é apresentada por Tescari Neto no segundo capítulo. Após definir com muita precisão o que é “categoria” para a Cartografia, o autor se debruça, no capítulo 3, sobre a metodologia cartográfica empregada na ordenação das categorias pertencentes a um mesmo domínio funcional. Nessa parte do livro, ele discute em pormenores dois dos principais expedientes metodológicos dos cartógrafos.

Ainda que o empreendimento cartográfico assuma estruturas altamente ricas, correspondendo a um léxico funcional amplo, o modo como tais itens se combinam na estrutura sintática é uniforme entre as línguas. As estruturas complexas nada mais são do que a proliferação de unidades estruturais extremamente simples. As representações derivam de mecanismos básicos, como soldagem, movimento, *agree*, no mesmo espírito das computações minimalistas, como pode ser verificado na leitura dos capítulos 4 e 5. Os núcleos complexos existentes são o resultado da operação de movimento de núcleo para núcleo, não são primitivos sintáticos. Tescari Neto mostra que a Cartografia é compatível com qualquer teoria sobre movimento sintático que leve em conta condições de localidade, no caso em questão a Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990).

Não há nenhuma vantagem empírica ou conceitual em um sistema de núcleos sintáticos que faz uso de elementos interpretativamente opacos, tais como flexão em vez de tempo ou aspecto, complementizador no lugar de foco, tópico ou marcador Q, e assim por diante (Cinque & Rizzi, 2010). A evidência morfológica visível através das línguas justifica um mapeamento transparente, dando origem a estruturas funcionais estáveis.

Nesta obra os leitores encontrarão respostas para questões epistemológicas e metodológicas do fazer cartográfico. Tescari Neto não mede esforços na definição de “categoria” em Cartografia, apresentando, ainda, uma discussão aprofundada sobre a diferença entre “classe de palavra” e “categoria”. Ao longo do livro, os leitores irão se deparar com